

Relatório de Estágio na editora Ponto de Fuga

Rita Gonzaga Moreira

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

2018

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Professor
Fernando Cabral Martins

*Os balicedos são apoteose
malenóvola das águias
ondeantes fabricam zulais
de atintesferas doleácias*

Carlos Eurico da Costa, 1984

Relatório de Estágio na editora Ponto de Fuga

Rita Gonzaga Moreira

RESUMO

O presente relatório é o produto do estágio curricular concretizado na editora Ponto de Fuga, entre julho e novembro de 2017. São apresentados os resultados do meu trabalho e contribuição na área da revisão de texto, em diversas obras de ficção portuguesa e estrangeira, assim como as problemáticas consequentes do trabalho de revisão e edição.

São também oferecidas algumas ponderações sobre o trabalho desta pequena estrutura e de que forma é que se tem vindo a afirmar no mercado editorial português.

PALAVRAS-CHAVE: revisão; edição; estágio; Ponto de Fuga.

Relatório de Estágio na editora Ponto de Fuga

Rita Gonzaga Moreira

ABSTRACT

This report outlines my experience as an intern at “Ponto de Fuga” publishing house. As such, it describes the activities I took part in when proofreading several fictional texts. This is the culmination of all the work I did as a Masters student in Edição de Texto, so this report will inevitably deal with some problems I had to overcome as a proofreader.

Secondly, talking about “Ponto de Fuga” is also recognizing its uniqueness as a publishing house, especially when we bear in mind Portugal’s publishing market.

KEYWORDS: proofreading; publishing; internship; Ponto de Fuga.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I — A EDITORA.....	3
1.1. ALICERCES E ESTRUTURA	3
1.2. TRABALHOS ANTERIORES	4
1.3. DA PONTO DE FUGA SURGE PIM!.....	6
II — FUNCIONAMENTO E GESTÃO.....	7
2.1. O PROCESSO DE DISTRIBUIÇÃO.....	7
2.2. LANÇAMENTOS, <i>PRESS RELEASES</i> , COLABORADORES	9
III — O ESTÁGIO.....	11
3.1. REINALDO FERREIRA.....	11
3.2. BEATRIX POTTER	13
3.3. ANDRÉ BRUN	14
3.4. NATÁLIA CORREIA	15
3.5. MANUEL DE LIMA	16
3.6. CARLOS EURICO DA COSTA	18
CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
ANEXOS	25
ANEXOS <i>PRESS RELEASES</i>	25
ANEXOS BEATRIX POTTER	28
ANEXOS MANUEL DE LIMA	29
ANEXOS CARLOS EURICO DA COSTA	31

Introdução

O presente relatório é a minha proposta de desfecho do meu estágio curricular, realizado entre julho e novembro de 2017, na pequena editora Ponto de Fuga.

A oportunidade de estagiar numa casa editorial que apresentasse a estrutura e mote da Ponto de Fuga foi um acaso de sorte, evitando nomear circunstâncias do fado. Quando se efetivou a entrevista presencial é que percebi que era, sem dúvida, o único sítio onde faria sentido realizar o meu estágio. Essa entrevista depressa tornou-se numa conversa sobre interesses, objetivos e, no seu cerne, considerações sobre a literatura e o panorama global do mercado editorial.

A minha contribuição para a editora adveio de um percurso pessoal e académico sustentado por experiências externas. No término da minha licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas ingressei, durante breves meses, num programa de voluntariado na Índia onde me deparei com uma paixão não revelada até então: a conexão entre literatura e o público infantil.

Até ao momento, o meu percurso tinha sido de alguma forma linear, procurando sempre conciliar a minha área de conhecimento com a minha área de interesse, nomeadamente na literatura portuguesa. Meses antes de iniciar o mestrado em Edição de Texto fui confrontada com a vontade de incrementar mais o gosto pela leitura nos jovens, incentivada pelo poder que as editoras podem ter no âmbito deste projeto.

A Ponto de Fuga surgiu no anseio da criação. Essa suportada pelo desejo de produzirem livros de qualidade e primor, numa estrutura editorial que representasse o que acreditavam estar em falta no mercado. A escolha do tipo de obras a editar teve sempre em vista a qualidade, ao invés do potencial de venda. Entendiam, assim, que o mercado editorial está saturado daquilo que Alexandre O’Neil chamava “bestas céleres” — diga-se *best sellers*. Assumindo a preocupação de produzirem obras que fossem comercialmente viáveis — porque era a única condição para que a estrutura funcionasse com sucesso — procuraram estabelecer um catálogo com livros apelativos, mas em que não houvesse a prevalência excessiva da linguagem de ilustração em detrimento do texto.

Este vasto objetivo surge por si só como um desafio, na medida em que se trata de uma editora que teria tido o seu arranque dentro da literatura infantojuvenil. Optaram, também, em forma de impulso inaugural, por editar obras de autores

reconhecidos na literatura universal (o que venho a desenvolver no capítulo 1.2.), como também apostar em nomes consagrados que têm sido alvo de flagrante esquecimento.

Deparei-me, então, com uma casa editorial que detinha em si a possibilidade de me dar as competências que procurava explorar e desenvolver. Iniciei a minha atividade num projeto em que acredito, procurando fortalecer o meu espírito crítico e os mecanismos necessários que espero vir a desenvolver no mercado editorial. Assim, tive a possibilidade de compreender o mundo da literatura infantil — que me era até então desconhecido — e de trabalhar com autores e géneros textuais que me moviam e me cativavam.

Optei por circunscrever esta exposição de acordo com o que foi trabalhado ao longo do meu estágio. Numa primeira parte desenvolvi a história da editora, que em muito influenciou a forma como eu e a minha colega vimos o trabalho a ser realizado, dado os propósitos muito distintos da casa editorial e do cunho a ser investido em todas as obras editadas; numa segunda parte, expus o *modus operandi* da editora onde eu e a minha colega estivemos envolvidas e auxiliámos nas demais tarefas (incluindo a parte de assessoria de comunicação, algo que, até à data, tínhamos explorado de forma muito superficial nos nossos estudos); e, por fim, o capítulo dedicado ao estágio, onde reparti as secções por cada escritor/a cujos textos trabalhei.

As minhas considerações e ilações sobre o estágio estão invariavelmente influenciadas pelos artistas sobre cujos escritos me debrucei durante aqueles meses de verão e outono. Desta forma, as minhas dificuldades ou aprazimentos vão ser díspares em cada secção, e cada uma delas revelará um momento onde considero que fui bem-sucedida, tal como indicará muitos outros onde falhei. Por conseguinte, espero explorar a forma como o estágio, enquanto componente não letiva, complementou os conhecimentos que adquiri ao longo do meu mestrado, culminando nesta experiência que manifesta o que procuro na minha vida profissional.

I — A Editora

1.1. Alicerces e estrutura

A Ponto de Fuga foi fundada por Vladimiro Nunes e Fátima Fonseca em agosto de 2014, começando a operar no último trimestre desse ano.

O objetivo primordial da editora era o de publicar obras de qualidade e de referência no campo da ficção portuguesa e estrangeira. Neste lato sentido, procuraram, então, ir buscar livros que estivessem fora do inventário de outras editoras e que pensavam valer a pena divulgar. Havia também uma abordagem saudosista e nostálgica de títulos que tinham feito o crescimento do editor Vladimiro, assim como o de Fátima, enquanto leitores. A ideia era, essencialmente, a de uma editora que transportasse o selo de qualidade dos clássicos modernos, mas também um cunho *vintage*, saudosista e um pouco «série b» para o seu catálogo. Esta última vertente veio a ser abordada através de uma nova chancela de que se falará mais detalhadamente adiante.

A editora tem um pequeno escritório no centro de Lisboa, onde funciona, e uma estrutura mínima, resumida em Vladimiro Nunes — que é o responsável editorial — e em Fátima Fonseca, que trabalha fundamentalmente na área de assessoria de comunicação.

Vladimiro Nunes foi jornalista durante doze anos, passando os últimos seis anos no semanário *Sol* na área da cultura. Trabalhou essencialmente temas relacionados com o mundo do livro e o das artes plásticas — justificando a inevitável sensibilidade na escolha de obras que representam a editora. Paralelamente, fez algumas traduções para a editora Tinta da China, estabelecendo relações com editores e livreiros, de modo que se tornou uma inevitável área de interesse.

Eventualmente, por circunstâncias do próprio mercado dos *media*, a permanência de Vladimiro no jornal revelava-se cada vez mais complicada. Paralelamente a esta situação, Fátima debatia-se com dificuldade das colocações de professores nas escolas primárias. Com um problema de empregabilidade para resolver, a que acrescia o interesse pelo mercado editorial e livreiro, partiram para a criação de

dois postos de trabalho que se baseassem em competências dominadas por ambos e que permitissem constituir uma pequena estrutura — uma pequena empresa — para trabalharem os dois.

Entre ambos havia uma grande afinidade em termos de gosto literário, sobretudo ao nível das vanguardas do século XX — nomeadamente o surrealismo, movimento que eventualmente vai ser protagonista na editora —, associada à contribuição e interesse de Fátima na área da literatura infantojuvenil, dado o seu historial no ensino.

A Ponto de Fuga surgiu, então, alicerçada no trabalho e nas competências de ambos. Entre os dois, pensaram reunir as proficiências necessárias para levar avante o que teria sido, numa fase muito primária, um sonho.

1.2. Trabalhos anteriores

Por uma questão de oportunidade, a primeira aposta foi — quer a nível simbólico, quer ao nível do potencial mercado — reeditar uma série de livros infantis, a coleção Petzi.

Foi uma opção acertada em termos de arranque, mas entende-se agora que foi muito ditada pela inexperiência. Os dois responsáveis creem que essa decisão adiou a entrada no domínio da literatura de referência — o seu principal interesse desde o início —, colocando-os perante o risco de ficarem associados a uma editora infantojuvenil, que não era o pretendido.

Em simultâneo, procuraram, dentro do espírito já referido, autores que merecessem ser introduzidos de novo no mercado. Desde logo, um dos nomes ponderados foi o de Natália Correia. É uma autora que, para além de muito icónica, tem um potencial de reconhecimento muito grande dentro do mercado e de um público mais interessado.

Tal constituiu uma oportunidade para se pensar numa republicação sistemática, em edições revistas e aumentadas, da obra da escritora açoriana, a começar por um título que fazia um especial sentido na altura em que foi lançado. Entre abril de 1974, logo na madrugada da revolução, e o rescaldo do 25 de novembro de 1975 — coincidindo, portanto, com o chamado Processo Revolucionário em Curso, PREC —,

Natália manteve um diário para registrar e refletir sobre a evolução tempestuosa daqueles acontecimentos.

Em 2015, quando iam decorrer 40 anos sobre o encerramento do PREC, havia uma efeméride a assinalar, e o potencial mediático das efemérides não é despiciente para uma editora. Quem trabalhou na área do jornalismo e da divulgação cultural sabe que, quando há um aniversário redondo em torno de um acontecimento, as possibilidades de divulgação das iniciativas multiplicam-se.

A decisão passou por reunir, além do diário de Natália Correia (que já tinha sido publicado em 1978 pela Dom Quixote) materiais inéditos que pudessem ser encontrados no seu espólio, à guarda da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Para o efeito, estabeleceu-se uma relação de trabalho com uma investigadora natural dos Açores, Ângela Almeida. A preocupação passou pela comparação entre o manuscrito original do diário e a versão anteriormente publicada. Então, embora sem ambição alguma de fazer uma edição crítica, procedeu-se a uma comparação do manuscrito com a versão publicada, procurando recuperar, em rodapé, algumas das passagens que tinham sido eliminadas e incluindo, em anexo, algumas entradas inteiras excluídas da publicação original. Foi ainda feito um trabalho exaustivo de recolha da totalidade das crónicas de imprensa (e inéditos relacionados) que escreveu na altura — textos de combate político mais diretos escritos “a quente”, com humor sarcástico e corrosivo.

A editora começou o arranque pretendido com livros e textos de grandes autores que espelhavam uma componente de autorreflexão. Foi o caso com Virginia Woolf, em *Momentos de Vida*, um conjunto de textos autobiográficos que a autora deixou revistos e prontos a publicar, assim como com Raul Brandão. Uma vez mais motivados por uma efeméride, que foram os 150 anos do nascimento do autor, republicaram a última obra de ficção que escreveu, *O Pobre de Pedir*, com um prefácio do escritor João de Melo, ele próprio de uma grande interioridade e reflexão.

Complementarmente a estas obras caídas no esquecimento, a editora entendeu apostar numa série de livros que tivessem em comum a seguinte característica: terem sido escritos para crianças por autores que não fossem conhecidos por essa vertente. Isso levou-os a descobrir obras como *A Árvore dos Desejos* de William Faulkner, assim como *O Mundo é Redondo*, de Gertrude Stein, esta última numa edição bilingue, com tradução de Luísa Costa Gomes e ilustrações de Rachel Caiano.

Segundo o editor, esta iniciativa constitui uma aposta na formação de um público exigente e um manifesto de intenções quanto ao que pretendem fazer em relação ao catálogo literário da editora.

1.3. Da Ponto de Fuga surge Pim!

Em 2015 receberam uma proposta da Europress — a gráfica de eleição para imprimirem os livros —, de constituir em conjunto uma chancela nova para materializar o conceito mais *vintage*, irreverente e «série b» que também queriam imprimir à Ponto de Fuga.

A aposta seria, então, num catálogo complementar àquilo que a Ponto de Fuga estava a fazer mas que, simultaneamente, fosse distinto e assumisse essa dimensão mais saudosista. Fundaram, então, a Pim! Edições.

Estava a aproximar-se mais uma efeméride assinalável: os 150 anos do nascimento da escritora e ilustradora britânica Beatrix Potter, uma das grandes referências da moderna literatura para a infância. Perante a lacuna de obras suas editadas em Portugal, publicadas de forma desconexa e há muito esgotadas, a editora decidiu aproveitar a efeméride para divulgar integralmente a obra da autora, optando por uma coleção de quatro volumes fáceis de manusear pelas crianças, na qual fossem coligidos os icónicos «Contos Completos» de Beatrix Potter.

A Pim! decidiu aplicar essa filosofia a uma vertente mais direcionada para adultos, continuando a fazer livros na ótica do *vintage* e do humor. Para o Dia dos Namorados de 2017, preparou uma edição de textos humorísticos sobre o relacionamento entre homens e mulheres, escritos por Charles Dickens e outro autor da mesma época. À data do início do estágio, na segunda metade do ano de 2017, a chancela preparava uma coleção dedicada a outro autor que não tinha sido alvo de uma abordagem sistemática: Reinaldo Ferreira, pioneiro português do romance policial, mais conhecido como «Repórter X». Trabalho esse que depois desenvolvi regularmente no decorrer do meu estágio.

II — Funcionamento e gestão

2.1. O processo de distribuição

A editora teve um problema sério com a sua distribuidora inicial, problema esse que se me revelou como um elemento chave para o negócio editorial, acentuando mais a dificuldade — diga-se impossibilidade — que um pequeno editor tem em impor-se com distribuição própria.

Quando fundaram a Ponto de Fuga, entregaram a sua distribuição à Urbanos Press, que, ao fim de pouco tempo, começou a vivenciar uma série de dificuldades, porque o grupo a que pertencia — o Grupo Urbanos — entrou em plano especial de recuperação, ditado por um passivo de mais de 40 milhões de euros, o qual viria a ditar a sua posterior insolvência. Os editores, começando a sentir essas dificuldades oportunamente optaram por um processo salvador, embora altamente disruptivo: o de mudança de distribuidor.

O tempo confirmou que esse entendimento estava certo: cerca de seis meses depois de consumada a saída da Ponto de Fuga, a Urbanos Press entrou em insolvência, deixando dívidas avultadas e irrecuperáveis a todos os editores no seu portefólio. Entretanto, a editora conseguiu, pelo reconhecimento do trabalho que foi desenvolvendo, que a distribuidora de livros Bertrand passasse a assegurar a distribuição das duas chancelas.

Esse disruptivo processo obrigou a recolha de todos os livros que tinham sido distribuídos no mercado pela Urbanos. Só depois, passados mais de três meses, foi possível iniciar a redistribuição dos livros com a Bertrand. Foram três ou quatro meses de atividade suspensa, com a estrutura a funcionar sem faturação, com todos os problemas inerentes a essa realidade. À data do início do meu estágio, a editora ainda sofria as sequelas desta situação, pelo que o meu estágio acabou por coincidir com um período de forte atividade, no sentido de «descongelar» projetos que haviam sido interrompidos pelas circunstâncias. Como ficou claro desde o início, as duas estagiárias acolhidas pela editora teriam um papel importante a cumprir, numa ótica de reforço dos meios humanos que permitisse recuperar o tempo perdido e honrar um calendário ambicioso de edições para tornar o projeto viável.

Com o decorrer do estágio, apercebi-me no que consistia trabalhar com um parceiro forte como a Bertrand e as etapas pelas quais se deve passar. A nível da distribuição, há muito pouco a fazer, basta cumprir um calendário que existe. Depois, trabalha-se em função desse calendário. Cerca de um mês e meio antes da data de chegada do livro às livrarias, segue para o distribuidor uma ficha de produto, já com o ISBN, a capa e as especificações definitivas (formato, número de páginas, tipo de encadernação, etc.), bem como uma sinopse. Cerca de três semanas mais tarde são entregues ao distribuidor os primeiros (sensivelmente 20) exemplares do livro impresso, para que a equipa de vendas possa realizar o trabalho de prospeção comercial com os compradores das principais cadeias de retalho e livreiros independentes. Passada mais uma semana, já com a tiragem inteira no armazém do distribuidor, em condições de serem satisfeitas as encomendas, a editora, que conserva sempre uma quantidade pré-estabelecida de exemplares para promoção, e venda direta ao público (na sua sede, na loja online ou em feiras ou eventos em que participe diretamente), faz chegar livros às redações, acompanhados por um *press release* a dar a notícia da novidade. Paralelamente, trabalha-se no lançamento, normalmente uma sessão pública que acontece numa superfície comercial com afluência de público — devendo o evento ter lugar entre poucos dias ou algumas semanas após o início da comercialização do livro. A editora tem privilegiado, como espaço para sessões de lançamento, a Fnac Chiado.

Eu assisti e participei em todas as etapas deste processo ao longo do período de duração do meu estágio. Com isto, obtive um entendimento mais abrangente do trabalho envolvido neste setor, desde a cadeia de produção até à comercialização, passando pela comunicação e pela variável fundamental da distribuição. Com essa observação tomei também consciência do funcionamento da componente financeira deste negócio, que me ajudou a compreender a dificuldade em viabilizar projetos de edição. A partir do momento em que um livro é comercializado através de um distribuidor, há que contar uma margem comercial de cerca de 60% sobre o preço de venda a público (PVP), no qual estão incluídas quer a margem do distribuidor, quer a do retalho (que, no caso das grandes cadeias, nunca é inferior a 40%, podendo mesmo chegar aos 50%). Neste modelo, ainda assim preferível por aliviar o editor de todo o esforço e encargos associados à distribuição, o que permite aos editores manterem uma estrutura pequena, a editora fica, portanto, com apenas 40% da receita gerada pela venda dos livros. Desses 40%, 6% são IVA e, portanto, os outros 34% têm de financiar a edição e tudo aquilo

que ela implica: fixação do texto, revisão, paginação, impressão, tradução (se se tratar de um livro de língua estrangeira), direitos de autor, marketing e comunicação.

Todas as parcelas que compõem a editora e que são necessárias para que um livro chegue ao mercado e que tenha uma boa receção têm de ser asseguradas pelos magros 34% de receita que cabem ao editor.

2.2. Lançamentos, *press releases*, colaboradores

Neste sentido, tanto eu como a minha colega estagiária colaborámos nas mais diversas tarefas: desde a redação dos *press releases* (cf. Anexo 1, 2 e 3), expedição de livros, aos lançamentos e a toda a panóplia de acontecimentos que fazem parte do quotidiano na editora. Apesar de não termos tarefas obviamente definidas, o nosso trabalho, neste aspeto, consistia em preencher lacunas. Por vezes, isso significava deixar uma tarefa em curso para auxiliar a parte de comunicação, ou qualquer outra vertente em que a nossa ajuda fosse precisa.

Nós, as estagiárias, estivemos presentes em todos os lançamentos e ajudámos a prepará-los. Isso implica, por exemplo, articulação com o distribuidor, para certificar que há livros em stock, comunicar esse lançamento o melhor possível, criar no Facebook uma página de evento e, depois, dar o apoio necessário para uma sessão pública. Desta forma estivemos presentes no lançamento da obra *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, pelo pseudónimo Gil Góis (onde exploro no capítulo adiante), que contou com a presença do investigador Joel Lima; o lançamento da obra de Gertrude Stein, *O Mundo é Redondo*, que contou com a presença da tradutora Luísa Costa Gomes e a ilustradora Rachel Caiano; e o lançamento da obra *33 revoluções*, de Canek Sánchez Guevara, que contou com a presença de João Paulo Guerra e António Macedo.

Ajudámos em todo o expediente: desde atender telefonemas, escrever emails, responder aos originais de um tradutor e fazer a revisão de tradução, que implica o cotejo com o texto original, descobrir problemas de ortografia, de morfologia ou de sintaxe. Relativamente aos problemas de tradução, não tive tanta parte ativa como a minha colega, visto que me ocupei sobretudo de originais de língua portuguesa e da fixação desse tipo de textos.

Da relação com colaboradores externos, a editora trabalhou exclusivamente com o tradutor e revisor Nuno Quintas. Nos casos em que Nuno, para além de tradutor, foi revisor final das provas, deu-nos uma visão mais clara sobre as ferramentas editoriais mais relevantes a ter em atenção durante o processo, que mais tarde se revelaram fundamentais. Havia, também, uma articulação com esses profissionais e com o designer gráfico, João Oliveira, que tem feito a totalidade dos livros da Pim! e da Ponto de Fuga.

III — O Estágio

Durante o processo do meu estágio participei, ao todo, na revisão de dezasseis textos de seis autores diferentes. Cada escritor merecia uma atenção devida, de modo que, sempre que mudávamos de projeto, realizávamos uma pequena reunião sobre o que seria esperado de nós relativamente a certo texto.

Como foi referido, participei mais ativamente nas obras que eram originais de língua portuguesa, de modo que, na edição da obra *The World is Round*, de Gertrude Stein, ajudei na revisão de provas — na deteção das inevitáveis gralhas que mancham invariavelmente todas as edições — e o acompanhamento do processo de ilustração.

3.1. Reinaldo Ferreira

Na segunda metade do ano de 2017, como foi anteriormente referido, a Pim! arrancou com a coleção dedicada a Reinaldo Ferreira, autor que trabalhei continuamente nos meses que se seguiram.

Foi convidado Joel Lima, investigador que conhecia a obra de Reinaldo de forma exímia, para compor o primeiro volume da coleção de policiais daquele que ficou conhecido como Repórter X. Começou-se a reedição das obras por *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, o primeiro romance policial que o autor publicou, com o pseudónimo de Gil Góis, nas páginas do jornal *O Século*, em 1917.

A primeira tarefa foi precisamente tratar do lançamento desse livro, *press release*, ficha do produto, todo o circuito mencionado e, depois, a sessão de lançamento.

O trabalho inicial na editora esteve centrado na tarefa de recuperação dos textos de Reinaldo Ferreira, processo esse que exige a consulta de originais — alguns emprestados por colecionadores, outros que a editora tinha no escritório. Por outras vezes, foi necessário ir à Biblioteca Nacional consultar originais¹ inacessíveis de outra forma.

¹ Foi feito um cartão de leitor da Biblioteca Nacional para as estagiárias. Houve um processo de consulta de publicações periódicas e recuperação de textos em falta, para acertar pormenores do trabalho jornalístico e literário do autor.

O processo era idêntico para todos os livros. Passar pela tarefa de digitalização, criar pdfs pesquisáveis e, depois, usar uma série de ferramentas para fazer a transcrição desses originais, na maioria dos casos feitos a partir de pdfs editáveis, de onde era copiado o texto para um ficheiro Word. Seguidamente dávamos a formatação certa, os parágrafos, os espaçamentos e a atualização da ortografia — sendo que estávamos a tratar de originais dos anos 1910/1920. Havia obstáculos inerentes a este método, de que nos apercebemos com o decorrer do trabalho, nomeadamente no reconhecimento das palavras. Quando passávamos o texto dos pdfs para o ficheiro Word era constante a mudança do determinante “uma” para “urna”, assim como “corno” surgir quando deveria ser “como”. Problemas estes que seria grave não identificar e corrigir na revisão.

Este processo foi contínuo e consistente nas obras do autor em que trabalhei, nomeadamente na trilogia *Punhais Misteriosos*, em que trabalhámos a partir das edições originais da Romano Torres, de 1926, que apresentaram este romance em três novelas publicadas autonomamente — *Punhais Misteriosos*, *O Fantasma Branco*, *Chaves do Paraíso*. Digitalizámos os originais e, a partir dos PDF pesquisáveis, criámos um ficheiro Word, procedendo-se à atualização ortográfica e à fixação do texto. Eu trabalhei-o numa fase inicial, apontando apenas os erros, que depois o editor resolveria, de acordo com o critério preconizado pela editora.

Fui trabalhando, também, num outro volume, que consiste na reportagem que Reinaldo Ferreira terá feito ao serviço da revista *ABC*. Essa colaboração culminou numa reportagem chamada «Na Rússia dos Sovietes»². Procedeu-se à recuperação desse texto a partir da versão editada em três fascículos de 64 páginas pela editora de *O Primeiro de Janeiro* (a edição mais recente) e, numa fase posterior, o editor fez o cotejo com a versão original da *ABC*. Acrescentaram-se mais dois textos sobre personagens ligadas à Rússia, uma reportagem sobre Rasputine e outra sobre Lenine. Esse material será incluído, então, no volume a editar proximamente, que incluirá ainda três novelas policiais muito influenciadas pelo imaginário soviético. São elas «O homem que embalsamou Lenine», «A aventura de um português na Rússia» e «Os russos da minha pensão». Relativamente à fixação do texto, eu trabalhei nas reportagens e fiz a revisão

² Consta que Reinaldo nunca terá chegado a ir até à Rússia para essa reportagem. Ao invés, enviava ensaios para o jornal em Portugal, enquanto residia em Paris; ensaios esses que eram apenas fruto da sua imaginação sobre o que estaria a acontecer na União Soviética.

das novelas policiais. Quando se tratava de textos densos, o trabalho era dividido entre mim e a minha colega, pelo que grande parte dos textos passavam pelas duas, mas em fases de revisão já diferentes.

Em casos excepcionais, como foi o caso de *As Sombras do Barredo*, não foi possível fazer um pdf pesquisável, na medida em que o original era de fraca qualidade, e as cópias que se fizeram do jornal tinham um formato superior ao A4. Tanto eu como a outra estagiária transcrevemos a totalidade da obra, dividida em duas partes. Passa por ser um processo longo, em que algumas horas são passadas a transcrever episódios. Isto pode criar alguns problemas inerentes à condição de copista, algumas gralhas que podem passar e um desvio da atenção relativamente aos problemas que o texto pode apresentar. Mais uma vez, tratou-se de um processo que foi dividido entre as duas estagiárias: numa primeira fase, a transcrição do texto; numa segunda, a revisão. Paralelamente, trabalhei, ainda, numa publicação periódica intitulada *Novela Policial*. No total saíram 38 números, sendo que mais de 20 são criação de Reinaldo Ferreira.

Este foi o autor que trabalhei de forma sistemática durante o estágio, o que me deu a possibilidade de entender verdadeiramente as componentes da sua escrita e do seu imaginário. Reinaldo Ferreira é um novelista muito peculiar, trazendo ao processo editorial elementos que nunca nos teriam surgido como hipóteses — o facto de Reinaldo, por exemplo, nas suas reportagens, inventar consecutivamente nomes de ruas ou de personagens com quem teria, supostamente, travado conhecimento. Esta condição não me foi tão prejudicial, na medida em que eu tratava textos que pertenciam apenas ao ramo da ficção, tendo apenas alguns problemas pontuais no que toca à troca de nomes de personagens ou confusão na capitulação (nomeadamente repetição na numeração dos capítulos). Com o decorrer do estágio, as constantes *reinaldices* eram gradualmente mais fáceis de identificar, dada a nossa proximidade e familiaridade com a sua narrativa e peculiaridades de escrita, revelando uma enorme vantagem em trabalhar vários textos do mesmo escritor.

3.2. Beatrix Potter

Enquanto trabalhávamos num dos volumes do Repórter X voltámos, brevemente, às edições originais das obras de Beatrix Potter, com o objetivo de fazer

uma reedição da obra completa. Esse trabalho, todavia, foi um pouco abandonado em função da publicação autónoma de um romance que Beatrix escreveu para além dos seus contos canónicos para jovens.

Assim, comparámos as edições já publicadas pela editora, em quatro volumes de pequeno formato, com o ficheiro Word que nos tinha sido dado. Esse ficheiro encontrava algumas modificações relativamente à edição final da obra, por razões de formatação e paginação de modo que o nosso trabalho consistia em remediar problemas do Word, em comparação com o que tinha sido editado. Por exemplo, uma diferença ínfima entre o Word que apresenta a frase “levava um pequeno saco” enquanto que na obra apresenta o mesmo segmento como “levava um pequenino saco”. (cf. Anexo 4 e 5)

Esta tarefa revelou-se frutífera relativamente ao critério de revisão, pois foi-nos dada a possibilidade de ver a norma adotada pelo revisor Nuno Quintas, colaborador frequente da editora. Essa norma, embora não linear, não deixa de ser curiosa em relação à linguagem na literatura infantil³. Questões essas que, inicialmente, não pareciam ter o seu cunho de relevância. Recordo, durante este processo, que num escritório silencioso conduzi a atenção para a minha secretária quando perguntei ao editor: “«Cocoró, cocoró» leva itálico?”.

3.3. André Brun

Também para a Pim! trabalhámos os primeiros três volumes de um grande representante do humorismo português, André Brun. Uma trilogia de livros dedicada à sátira da classe média lisboeta dos anos 20, *Praxedes mulher e filhos*, *Outra vez Praxedes* e *Filosofia de Félix Pevide*. Uma trilogia de escárnio à pequena burguesia da época e que se permanece extraordinariamente atual, como é comum na história do cómico. Para esta trilogia eu contribui na fixação de texto do primeiro volume, *Praxedes mulher e filhos*, e no terceiro volume, a *Filosofia de Félix Pevide*. O trabalho consistia no mesmo processo que tínhamos usado nas obras de Reinaldo Ferreira.

³ A ausência de linearidade no critério de revisão das edições de Beatrix Potter deve-se ao facto de terem havido dois revisores: Gabriela Varino no primeiro e segundo volume; e Nuno Quintas no terceiro e quarto volume.

Procedíamos às digitalizações das obras originais para criar pdfs pesquisáveis, executando, seguidamente, a fixação do texto.

Durante este processo assinalávamos no texto passagens que causassem dificuldades na compreensão do texto. Algumas destas contingências passavam pelo facto de a editora não ter um livro de estilo onde pudéssemos tirar dúvidas. Questões de formatação (resoluções relativamente ao uso de itálicos, por exemplo) tinham de ser resolvidas presencialmente com o editor, na medida em que o critério não era aplicado de forma consistente.

Com este autor trabalhei, também, uma trilogia de momentos teatrais que ele fixou em crónica e que, depois, reuniu em três livros, *Sem Pés Nem Cabeça*, *Cada Vez Pior* e *Sem Cura Possível*. No que diz respeito a esta trilogia, trabalhei na fixação do texto do último livro, enquanto que os outros dois acompanhei através do trabalho da minha colega.

Este foi um autor que deu deleite trabalhar, especialmente em equipa. Até à data, eu e a minha colega tínhamos trabalhado com linguagem literária muito própria. Inicialmente com um autor de romance policial, e com os desfechos inerentes ao género. Seguidamente, com a pequena contribuição que demos no universo de Beatrix Potter. Ter iniciado o projeto do André Brun foi uma oportunidade de adotar uma maneira particular de fazer o trabalho que, até à altura, tinha procedido de forma ligeiramente monótona. Trabalhar um autor de escrita cómica e com o formato apresentado foi uma mais-valia, assim como a possibilidade de arriscar na edição de textos humorísticos. A vantagem, claro, foi trabalhar este tipo de texto com a minha colega, com quem por várias vezes troquei impressões que iam para lá do cunho linguístico ou literário; trabalho esse interrompido por gargalhadas, que culminavam com a expressão familiar: “Não vais acreditar no que o Praxedes fez agora...”.

3.4. Natália Correia

Ao fim de dois anos, a editora ponderou regressar a Natália Correia, perspetivando uma reedição mais sistemática da editora. Fê-lo com a reedição de um volume intitulado *Descobri que Era Europeia – Impressões duma Viagem à América*, que consiste no registo de uma viagem que a autora fez aos Estados Unidos da América

em 1950. A obra foi originalmente publicada pela Portugália em 1951, e foi depois reeditada pela Editorial Notícias em 2003.

Acontece que essa reedição de 2003 não teve em conta uma situação que nós conseguimos discernir através da consulta do espólio. Descobriu-se, então, que havia um exemplar anotado da primeira edição do *Descobri que Era Europeia*, que permitiu discernir várias emendas, supressões e acrescentos que Natália terá feito no livro, dando-lhe uma forma um pouco diferente.

A edição integra reproduções de alguns manuscritos originais — como é muito apanágio da editora —, além de fotografias de época da autora. O trabalho neste processo baseou-se na comparação do texto editado em 1951 com as anotações que a autora fez no seu exemplar, no sentido de se chegar ao estabelecimento de um texto final para a nova edição. Trabalhei também a transcrição de alguns inéditos relacionados com esta obra, prestando ainda auxílio na seleção do material iconográfico e fotográfico.

Paralelamente a este livro, foi feito um convite à editora pela Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, que tinha em preparação um volume constituído por éditos e inéditos de Natália Correia relacionados com António Sérgio e com o movimento corporativista, de que ela também foi uma pública e acérrima defensora. Esse pequeno volume, *Entre a Raiz e a Utopia – Escritos sobre António Sérgio e o Cooperativismo*, teve publicação simultânea com *Descobri que Era Europeia*, numa edição financiada pela cooperativa. Consiste na reunião de alguns textos publicados na imprensa, alguns manuscritos a datiloscritos inéditos, levantados pela investigadora Ângela Almeida, que tem colaborado com a editora no trato editorial das obras de Natália Correia. Remeteu-nos esses materiais em bruto e nós cuidámos da transcrição desses documentos e da fixação dos respetivos textos, que necessitaram apenas de uma revisão final do editor.

3.5. Manuel de Lima

Na fase final do estágio comecei a trabalhar com autores vanguardistas, como foi o caso de Natália e, agora, de Manuel de Lima, ligado à segunda geração surrealista. A editora propôs-se reeditar, num único volume, os quatro títulos que compõem a obra

integral do escritor, que não era reeditada desde 1972. Espera-se, também que a obra seja enriquecida com alguns inéditos que foram encontrados, coincidentemente, no espólio de Natália Correia — com quem Manuel de Lima manteve uma longa e intensa amizade.

Eu cuidei do material em questão, nomeadamente de um caderno com o início de um romance não concluído e abandonado pelo autor — este apresentado num manuscrito digitalizado —, um guião de cinema e um conjunto de seis histórias inéditas — estes, datiloscritos digitalizados.

A primeira parte do caderno estava parcialmente transcrita pelo editor, de modo que comecei o meu trabalho por ler o ficheiro em Word, enquanto analisava o manuscrito, com o objetivo de me adaptar à sua escrita e caligrafia (cf. Anexos 6 e 7). O processo de transcrição — diga-se decifração — foi lento e penoso. As digitalizações eram pouco perceptíveis, porque o papel era semitransparente e causava alguns problemas de descodificação.

Este processo remontava para o trabalho realizado em algumas disciplinas académicas, nomeadamente Crítica Textual. Nesta desenvolvemos vários projetos relativamente ao processo de comparação entre manuscritos e datiloscritos. Este trabalho antecedente, que explorei em aula, revelou-se-me uma mais-valia, na medida em que me era mais lógico o procedimento a assegurar nesta tarefa; desde traçar a génese do texto até o conhecimento dos símbolos a aplicar perante uma dúvida de indecifração. O mesmo se aplicou, mais tarde, com o trabalho desenvolvido com o poeta Carlos Eurico da Costa.

A editora nunca teve como objetivo enveredar na edição crítica das obras — mesmo no relato de viagem de Natália Correia, relativamente ao qual foi feita a comparação entre a primeira versão publicada e os seus apontamentos, trabalho esse que poderia levar a uma edição crítica. Assim, não havia uma impressão tão académica no meu trabalho, mas uma desmedida e óbvia responsabilidade na possibilidade de alterar a palavra do autor por meu equívoco.

O guião e as histórias soltas de Manuel de Lima demonstraram uma decifração mais favorável (cf. Anexo 8), por se tratar de um datiloscrito com poucas emendas, sendo mais acessível perceber a génese do texto e a última vontade (visível) do autor.

3.6. Carlos Eurico da Costa

O projeto relativamente ao poeta e artista plástico Carlos Eurico da Costa foi o último a ser trabalhado no meu estágio e, sem hesitação, aquele que foi, para mim, o mais impressionante.

Esse plano foi proposto à editora pelos herdeiros, filhos do autor, que manifestaram interesse na reedição da obra édita. Composta somente por quatro livros, a sua obra consistia em: *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem*, de 1952, editado pelas Edições Árvore, Lisboa; *As Aventuras da Razão*, inseridas na mítica coleção «Círculo de Poesia», da Moraes Editora em 1965; *A Fulminada Imagem*, inserida na coleção «Poesia, Ensaio e Teatro», da Editorial Estampa, em 1968, Lisboa; e, por último, *A Cidade de Palagüin*, uma publicação das Edições &etc, de 1979, Lisboa.

Foi feita a transcrição a partir dos ficheiros digitalizados dos quatro livros. A grafia não foi atualizada, sendo que a opção dos herdeiros foi a de não adotar o acordo ortográfico de 1990. Manteve-se integralmente a ordem dos livros e a integridade dos mesmos, com única exceção no que diz respeito ao último livro. *A Cidade de Palagüin* (1979) incluía integralmente o primeiro livro — *7 Poemas da Solenidade e um Requiem* (1952) —, com algumas atualizações feitas pelo autor. Então, o critério que se estabeleceu foi o de colocar em primeiro lugar a obra de 1952, inserindo as alterações que o autor lhe colocou em 1979. Em relação à parte édita não houve grande tratamento a fazer ao texto, assumindo que as versões apresentadas representavam a última vontade do autor.

Em relação à parte inédita foi entregue ao cuidado da editora o espólio literário completo do autor. Composto por uma pasta arquivo com uma série de pequenas pastas que continham, então, os originais manuscritos e datiloscritos de alguns poemas éditos e inéditos. O nosso trabalho consistiu em fazer a arrumação desse material, em grande parte já organizado por décadas.

As pastas vinham dentro dum grande arquivador, compreendiam as décadas de 40 a 90. A primeira pasta incluía poemas de 1948, os primeiros conhecidos do autor, e de 1949. A pasta relativa aos anos 50 que incluía originais manuscritos e datiloscritos inéditos de 1950, 1951, 1952 e 1954. Depois, havia uma pasta dedicada aos anos 60, com poemas e alguns textos em prosa poética (de 1962, 1964, 1965, 1966, 1967 e

1969). Outra pasta, relativa aos anos 70, integrava a produção de 1970, 1973, 1976, 1977, 1978 e 1979. Seguia-se outra, relativa aos anos 80 (de 1980, 1982, 1983, 1984, 1985 e 1989). E, por fim, havia uma pasta dedicada aos anos 90 (de 1993 e 1994). Havia ainda uma pasta contendo apenas alguns desenhos e negativos fotográficos em que só foi digitalizado o único desenho. Duas pastas finais, uma com poemas datados para arrumar e outra com poemas sem data encontrados entre os poemas de 1966 e 1967.

Portanto, o tratamento deste espólio consistiu, num primeiro momento, na separação de toda a produção éditada da inédita, de forma a apurar quais os originais que tinham sido incluídos nas obras do autor e quais tinham sido excluídos. O objetivo foi chegar a um ficheiro em bruto com a totalidade da produção inédita, de onde foram eliminados não só os poemas que tinham sido publicados, como também os textos que tivessem constituído versões anteriores dos poemas que foram publicados. Ou seja, mesmo que estas versões fossem díspares, optou-se por excluir à partida todos os textos que tivessem sido retrabalhados e publicados pelo autor de uma forma final, por se ter concluído que não faria sentido essa repetição. Há o exemplo de um poema solto que encontrámos no seu espólio que, posteriormente, veio dar origem à quarta parte da composição poética «SETE POEMAS DA SOLENIDADE E UM REQUIEM». (cf. Anexo 9 e 10)

Este processo foi aplicado a partir dos documentos de 1948 até 1979 — data do último livro, assumindo que todos os textos posteriores seriam inéditos e, portanto, alvo de transcrição e tratamento.

O decurso deste trabalho ofereceu alguns desafios, sobretudo porque existiam várias variantes do mesmo poema, por vezes com um título diferente; noutros casos, a única dissemelhança estava numa estrofe ou num verso. Noutras ocorrências, os poemas surgiam numa forma final tão mais díspar do que se entendia pela primeira versão da composição. Foi um trabalho demorado, exigindo grande tento para discernir uma versão incipiente de uma versão que era, efetivamente, inédita. Houve ainda que arrumar na produção do autor os poemas que tinham sido encontrados entre 1966 e 1967 — poemas esses que estavam datados, mas não ordenados.

No final deste processo chegou-se a um ficheiro onde todos os textos inéditos estavam apresentados por ordem cronológica, para depois, então, numa segunda fase, decidir quais os textos a incluir no livro e quais não faria sentido incluir.

O espólio apresenta necessariamente características peculiares. Neste caso, passa sobretudo pela existência de mais do que uma, às vezes duas, três a quatro versões do mesmo texto em estados diferentes de evolução. Encontraram-se também poemas que se apresentavam em formatos variados: escritos num guardanapo de cozinha, registados em papéis de circunstância, como o verso de um envelope (cf. 11 e 12) ou duma folha dum bloco de notas, até textos mais estruturados, em datiloscrito, nos quais invariavelmente o autor introduzia emendas a tinta.

De realçar ainda que a comparação de versões anteriores do mesmo poema com a versão final publicada permite deliberar vários fatores acerca do processo de trabalho do autor, nos seus livros. As grandes conclusões são que, até ao momento final da publicação, o autor inseria muitas emendas e que mesmo os próprios datiloscritos mais avançados, em termos de conceção, apresentam evoluções significativas na sua versão final publicada. Esta constatação levou ao estabelecimento de um princípio que será de difícil aplicabilidade, que é o de gerir com particular cuidado os inéditos mais incipientes de um autor que, comprovadamente, até ao momento de publicação dos seus poemas, era extremamente metucioso na seleção dos textos a publicar, o que apresenta um problema e uma responsabilidade acrescida na escolha de material inédito a ser publicado postumamente.

Inicialmente, a editora tinha abordado este desafio com o propósito de publicar a totalidade dos inéditos. Com o tratamento destes, esta abordagem foi-se tornando mais cautelosa. Será, então, publicada a totalidade da obra édita, abordando os inéditos numa ótica de antologia, ou seja, tentando para já que o volume de inéditos a ser incluído no livro não ultrapasse a proporção de éditos, o que resultaria necessariamente num livro desequilibrado. Está a procurar-se, também, ter algum critério qualitativo na escolha dos poemas. Terá de ser coadjuvado pela intervenção não só dos familiares, quanto ao seu desejo de publicação de textos desconhecidos, como também de outros intervenientes que possam trazer um olhar qualitativo mais insuspeito do que aqueles que, numa primeira fase, trabalharam os textos. Entenda-se aqui nós, as estagiárias, e o editor. O professor e escritor Hélder Macedo, que assinará o prefácio do livro, poderá ser uma dessas autoridades.

Nesse aspeto, havia já uma escolha prévia para os poemas de 1948 a 1952 feitos por Isabel Meyrelles, escritora, poeta e companheira de grupo surrealista, que tinha já feito algum trabalho de seleção relativa aos primeiros quatro anos de textos inéditos.

Mas também foi pedida a intervenção daquele que será o prefaciador do livro, o poeta e ensaísta Helder Macedo, que com a autoridade que lhe é reconhecida, e como autor de referência do movimento surrealista, poderá trazer aqui então esse critério desejado.

Em conjunto, elaborámos um ficheiro cronológico, consistindo numa primeira escolha do material inédito que será depois enviado a Helder Macedo. A ideia é manter a organização cronológica, de modo a entender-se a evolução poética que nós próprios sentimos no tratamento destes textos, assim como a evolução do imaginário literário do poeta. Terá de responder a outras questões, nomeadamente: o que fazer com a coincidência temporal de textos em verso e em prosa? Separa-se poesia da prosa? Na verdade, os livros do autor, como é o caso, por exemplo, do último livro, demonstram que ele não fazia essa distinção, conciliando textos de prosa com os de poesia.

É extasiante ter, pela primeira vez, não só um espólio inteiro de um poeta surrealista, como também ser-nos dada a possibilidade de avaliar o seu trabalho. Com o pouco critério que nos compete nesta parte, o trabalho de equipa revelou-se indispensável, quando todos os intervenientes da equipa estão debruçados na poética de Carlos Eurico da Costa e os dias de trabalho rondam à volta do seu imaginário. Isto permitiu-nos ter estas discussões num estado muito inicial do processo, nomeadamente na questão da deterioração do trabalho poético para uma consistência maior ao nível da prosa, esta reveladora de algum primor.

Há o caso de um manuscrito de 1985 que tinha borrões de tinta, rasuras e setas, causando uma enorme dificuldade de perceber o sentido que o autor pretendeu dar ao poema (cf. Anexo 13). Portanto, levantam-se questões mais complexas, no sentido de perceber a legitimidade de trazer ao público textos que não tinham obviamente atingido um grau de maturação que o autor considerasse suficiente.

Este foi o trabalho mais arrebatador que realizei durante o meu estágio. De facto, não há propriamente uma matriz a seguir num um projeto desta índole. É uma amálgama de sensibilidade literária — questionando-me, claro, até que ponto é que esta deve ser considerada de forma objetiva — e de trabalho de pesquisa e de comparação.

CONCLUSÃO

Ao longo do relatório procurei expor o conjunto de atividades e funções que realizei aquando o meu estágio na editora Ponto de Fuga. Estas foram invariavelmente influenciadas, como já referi, pela disparidade de autores que trabalhei, assim como por profissionais do setor que me possibilitaram uma nova visão sobre o mercado editorial.

A escolha do estágio para término do meu percurso académico parece-me, agora, indispensável. É um seguimento lógico do trajeto que percorri e que complementa as competências que vim a adquirir com o decorrer do mestrado.

Pela proximidade que tive com os textos de Carlos Eurico da Costa e com Manuel de Lima, a disciplina de Crítica Textual foi a que se manifestou como mais importante e relevante para realizar as minhas tarefas na editora. A partir do momento em que comecei a trabalhar texto poético senti que os meus estudos me haviam conduzido até aquele instante, e que era presumível e possível aplicar a teoria que tinha aprendido.

A vantagem, além de trabalhar textos que me eram apazíveis, era de haver espaço para crescer enquanto possível editora. Esta empresa conta com a presença de dois profissionais exímios, que serviram como mentores durante os meses do meu estágio. Era um espaço de discussão aberta, de convívio e de trabalho notável. Entre nós, reunimos as condições e a linguagem necessária para trabalharmos em conjunto. Foi-me possibilitado descobrir as áreas nas quais eu teria mais propensão e aptidão para trabalhar, coincidindo invariavelmente com aquelas que me deram mais satisfação e deleite.

O trabalho de um editor não é direto nem sequencial. Muitas vezes tem de se desdobrar nas mais dispare tarefas — principalmente quando se trata de uma empresa de estrutura pequena. Eu iniciei as minhas tarefas pensando que o que me competia era rever um texto e sublinhar os seus problemas. Depressa esse trabalho foi multiplicado em muitos outros, culminando no projeto da edição da obra poética de Carlos Eurico da Costa.

Com esta proliferação de atividades pude aperfeiçoar e fortalecer as minhas capacidades que, até à data, não tinham sido confrontadas. Pude aprender o que me é esperado no setor editorial e os âmbitos nos quais devo trabalhar mais. No seu cerne, e

em suma, é um prazer ter estado relacionada à editora Ponto de Fuga onde pude ascender e apresentar-me, agora, mais íntegra e realizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Reinaldo, *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, Lisboa, Pim!, 2017.

GUEVARA, Canek Sánchez, *33 Revoluções*, Lisboa, Ponto de Fuga, 2017.

POTTER, Beatrix, *Contos Completos 1*, Lisboa, Pim!, 2016.

STEIN, Gertrude, *O Mundo é Redondo*, Lisboa, Ponto de Fuga, 2017.

ANEXOS

Anexos press releases

Anexo 1



MISTÉRIO DA RUA SARAIVA DE CARVALHO



A 11 de junho de 1917, a edição da noite do diário *O Século* publicava, com honras de primeira página, uma carta assinada por um tal «Gil Góis», a dar conta de um «facto misterioso» que testemunhara na madrugada anterior: «três homens, completamente embuçados, saíam de um velho prédio desabitado que há na Rua Saraiva de Carvalho, transportando, com a dificuldade que denuncia o peso, um grosso volume de forma humana embrulhado em panos».

Os leitores aderiram em massa àquela narrativa inverosímil (real ou inventada?), que, durante seis meses, alimentou teorias e fez esgotar tiragens. O tão badalado folhetim foi o primeiro a sair da pena delirante e fecunda de Reinaldo Ferreira, então com uns precoces 19 anos e muito longe ainda de se transformar no célebre Repórter X. A presente edição, que assinala os 120 anos do nascimento de Reinaldo Ferreira e o centenário da publicação original d' *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, reproduz integralmente o texto impresso nas páginas d' *O Século* da noite. Uma reveladora introdução de Joel Lima, o mais conhecedor estudioso da obra do Repórter X, trata de iluminar as origens obscuras da carreira literária de um autor pioneiro no seu género.

- ◆ Primeira coleção sistemática dedicada ao pioneiro português do romance policial, com introduções de Joel Lima, especialista na obra do Repórter X, que contextualizam o autor e as obras no seu tempo
- ◆ Edições cuidadas, ilustradas com iconografia de época e capas com o traço distintivo de Nuno Saraiva
- ◆ Recuperação de títulos raros e inéditos (este primeiro volume não é reeditado desde 1919); seguir-se-ão, até ao final do ano, *O Groom do Ritz* (conjunto de três novelas sequenciais não reeditadas desde 1926), *As Sensacionais Aventuras de Jim-Joyce*, *o As dos Detetives Americanos* (publicadas em fascículos no Brasil, por volta de 1924, mas inéditas em Portugal) e *As Aventuras do Repórter X no País dos Soviéticos* (reportagem na União Soviética, em 1925, inédita em livro)
- ◆ Celebração de um autor icónico por ocasião dos 120 anos do seu nascimento e do centenário da publicação do seu primeiro folhetim)

REINALDO FERREIRA

Nasceu em Lisboa a 10 de agosto de 1897. Em 1914, ingressou na redação d' *A Capital*, onde deu os primeiros passos no jornalismo. A propensão para o insólito, para o espetacular, levou-o a tornar-se também um verdadeiro mestre da literatura policial. Em 1919, casou-se e passou um ano em Paris, antes de se radicar em Espanha, onde, além do jornalismo e da ficção, desenvolveu outra vertente do seu talento multifacetado: o de realizador de cinema. Em rota de colisão com o regime de Primo de Rivera, em 1924 teve de regressar a Portugal, para não ser preso, passando a colaborar com várias publicações de Lisboa, primeiro, e do Porto, a seguir. Data dessa altura a gralha tipográfica que ditou o pseudónimo Repórter X, com que assinou algumas das prosas mais sensacionais da sua carreira tão breve quanto prolífica. Intenso por natureza, Reinaldo consumiu a vida com a afeição da paixão que faz perder os heróis trágicos. Tendo encontrado na morfina um bálsamo para males de amor e um combustível para a criação, ex-morfinómano se confessou num belo livro de memórias, para logo depois reincidir no velho hábito, que destruiu o pouco que lhe restava da saúde débil. Morreu aos 38 anos, em Lisboa, a 4 de outubro de 1935.



Reinaldo Ferreira
(Repórter X)

Título: O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho | **Autor:** Reinaldo Ferreira (Repórter X)

Tipo de capa: Capa Mole | **Formato:** 16 x 23,5 cm | **Páginas:** 336

PVP (c/ IVA): €16,60 | **Data de Lançamento:** 25 de agosto de 2017

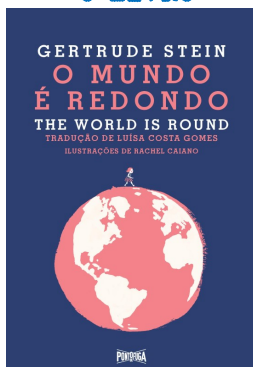
Para mais informações,
contactar:

Fátima Fonseca | fatima.fonseca@pontodefuga.pt | 96 37 88 731



Gertrude Stein *O Mundo É Redondo / The World Is Round* (edição bilingue)

O LIVRO



«Rosa é uma rosa é uma Rosa» é um dos mais icónicos estribilhos da literatura infantil. Curiosamente, o livro de que provém nunca tinha sido editado em Portugal. Até agora. Quase oitenta anos após a publicação original de *O Mundo É Redondo* (*The World Is Round*), a Ponto de Fuga inclui na sua coleção infantojuvenil, com texto bilingue, este clássico absoluto de Gertrude Stein (1874-1946). Num magistral trabalho de tradução, que a originalidade rítmica e poética da obra tornava quase impossível, Luísa Costa Gomes verteu para português, mantendo o estilo inconfundível de Stein, esta tocante exploração dos conceitos de identidade e individualidade, com os seus inusitados jogos de palavras e sons. Inspirando-se nas cores e motivos estabelecidos pela autora, e originalmente concretizados por Clement Hurd, a premiada ilustradora Rachel Caiano imprime a sua marca visual num livro belo, arrojado e desafiante, como as próprias crianças.

Título: O Mundo É Redondo / The World Is Round **Autor:** Gertrude Stein
Tradução: Luísa Costa Gomes | **Ilustrações:** Rachel Caiano | **Páginas:** 160
Género: Literatura / Infantojuvenil
Data de Lançamento: 13 de outubro de 2017 | **PVP:** €15,50

Na imprensa

«Miss Stein parece ter encontrado o seu público, possivelmente mais vasto do que o habitual, decerto mais compreensivo.»

The New York Times Book Review

«Só um verdadeiro artista podia ter escrito um livro tão encantador como *O Mundo É Redondo*.»

The Horn Book Magazine

Oriunda de uma próspera família americana de origem judaica alemã, Gertrude Stein nasce em Allegheny, Pensilvânia, a 3 de fevereiro de 1874. Nos primeiros anos, vive com os pais e os quatro irmãos mais velhos em Viena, na Áustria, e em Paris, França. Os Stein regressam aos Estados Unidos em 1879, a tempo de Gertrude começar a frequentar a escola. Boa aluna, vem a estudar Psicologia e Medicina, mas não conclui nenhum dos cursos. Em 1903, estabelece-se em Paris, no n.º 27 da Rue de Fleurus, onde, além de começar a escrever de forma consistente, desenvolve uma faceta de colecionadora e patrona das letras e artes, em especial dos cubistas. Permanecerá na capital francesa até ao final da vida, fazendo da sua casa um dos mais míticos salões artísticos do século XX. Morre a 27 de julho de 1946, deixando uma obra vasta e profundamente original que inclui títulos como *Three Lives* (1909), *Tender Buttons* (1914), *The Making of Americans* (1925), *A Autobiografia de Alice B. Toklas* (1933) e *Paris França* (1940).

AS AUTORAS



Contacto para mais informações:

Fátima Fonseca
fatima.fonseca@pontodefuga.pt
96 37 88 731

www.pontodefuga.pt



Canek Sánchez Guevara – 33 Revoluções

O LIVRO



Canek Sánchez Guevara levou sete anos a completar a novela *33 Revoluções*. Começou a redigi-la em Sadirac, uma aldeia dos arredores de Bordéus, França, em finais de 2007, e deu-a definitivamente por terminada em 2014, na Cidade do México, poucos meses antes de falecer. Trata-se do mais depurado dos textos que escreveu (novelas e contos, alguns poemas, ensaios, crónicas de viagem), a sua obra mais definitiva, e a primeira publicada em Portugal, com tradução, prefácio e notas do jornalista Viriato Teles, na altura em que se assinala o cinquentenário da morte do «Che». *33 Revoluções* é o relato do dia-a-dia enfastiado de um burocrata numa cidade e numa ilha onde tudo se repete, como num disco riscado. A cidade cenário desta novela é a Havana dos anos 90 do século XX, ainda que o nome dela nunca seja referido, e o tédio, a frustração e o desencanto do protagonista pudessem acontecer em outros lugares do mundo. Com uma escrita ritmada e seca, *33 Revoluções* apresenta uma visão crua e desencantada da vida em Cuba, mas recusa o dualismo das paixões extremas

em que, como escreveu Canek, «parece haver só duas opiniões em confronto, quando na verdade são muitas mais as vozes participantes, abafadas pela gritaria de ambos os lados.»

Título: 33 Revoluções **Autor:** Canek Sánchez Guevara
Prefácio, Tradução e Notas: Viriato Teles | **Páginas:** 128
Género: Literatura / Romance
Data de Lançamento: 13 de outubro de 2017 | **PVP:** €14,40

O AUTOR

Canek Sánchez Guevara, nascido em Cuba em maio de 1974, começou a chamar a atenção do mundo, primeiro por uma questão genética: era neto do icónico guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara (1928-1967), que se tornou imagem de marca dos ideais românticos da revolução cubana. A essa condição, suficiente para aguçar a curiosidade, juntava-se a visão muito crítica do regime de Fidel Castro, que Canek nunca escamoteou, embora recusasse fazer disso um modo de vida. Politicamente, definia-se como «*anarquista, libertário, liberal ultrarradical, democrata subterrâneo, comunista-individualista, egossocialista. Enfim, qualquer coisa que não me seja imposta e que eu não possa impor aos demais.*» Com uma infância repartida por vários países e a adolescência vivida em Cuba, Canek saiu definitivamente da ilha em 1996, um ano após a morte da mãe, Hilda Beatriz Guevara Gadea e encetou o seu próprio caminho de «*vagabundo profissional, observador internacional, antropólogo urbano, filósofo de supermercado, cronista do que carece de interesse, escritor de nada em concreto.*». Andarilho, anarquista, músico com passagens por bandas *punk* e de *heavy metal*, Canek também morreu prematuramente (aos 40 anos, em Janeiro de 2015), deixando inédita uma obra que prometia fazer dele, por mérito próprio, uma das vozes mais estimulantes da nova literatura latinoamericana.



Contacto para mais informações:

Fátima Fonseca

fatima.fonseca@pontodefuga.pt

96 37 88 731

www.pontodefuga.pt

Anexos Beatrix Potter

Anexo 4

Construíram pequenas jangadas com raminhos de árvore e remaram em direção à ilha da Coruja para apanhar avelãs.

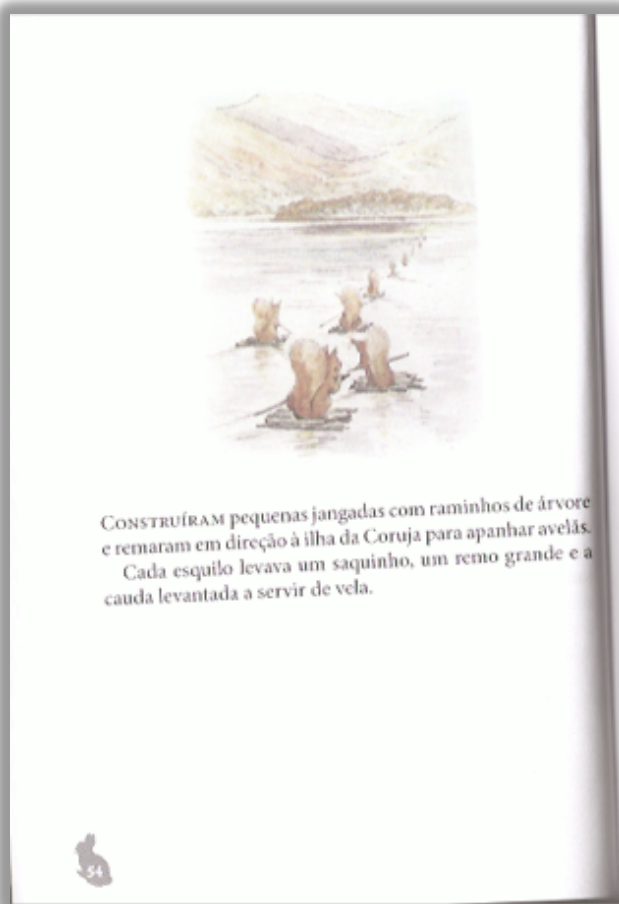
Cada esquilo levava um **pequeno saco**, um remo grande e a cauda levantada a servir de vela.

Levavam também um presente para o Senhor Pena-Parda: três ratos anafados, que colocaram na soleira da sua porta.

Depois, o Fáisca e os outros esquilinhos fizeram uma vénia e, com muita delicadeza, disseram:

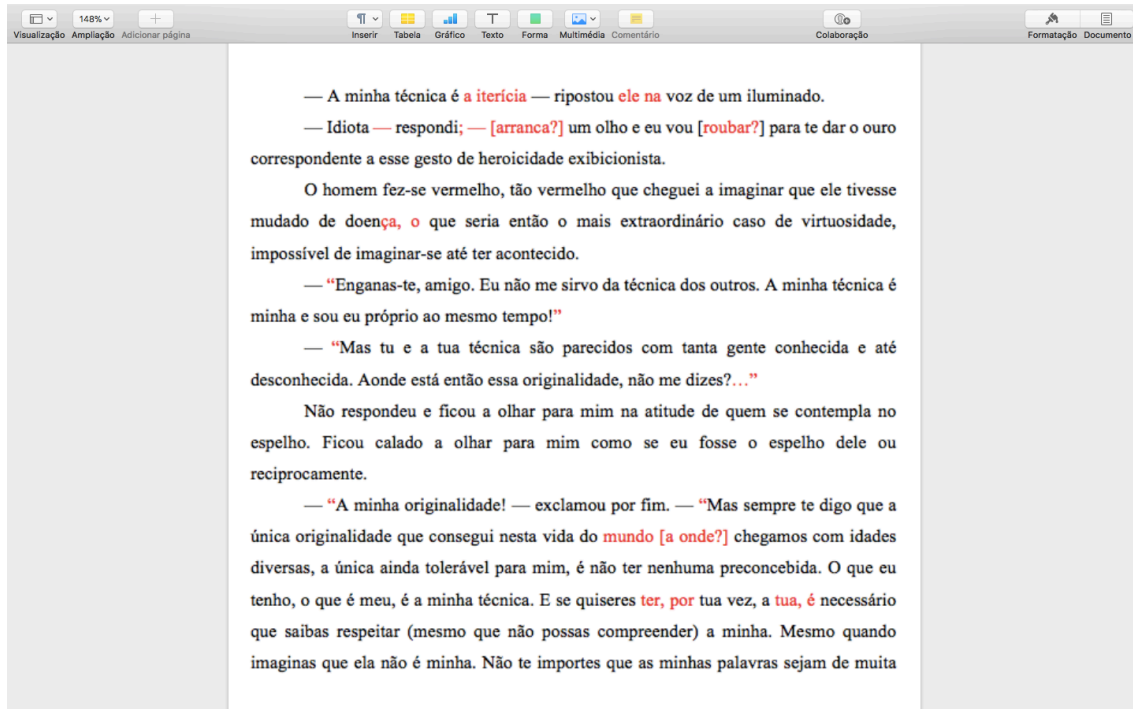
— Senhor Pena-Parda, dá-nos licença que apanhemos avelãs na sua ilha?

Anexo 5

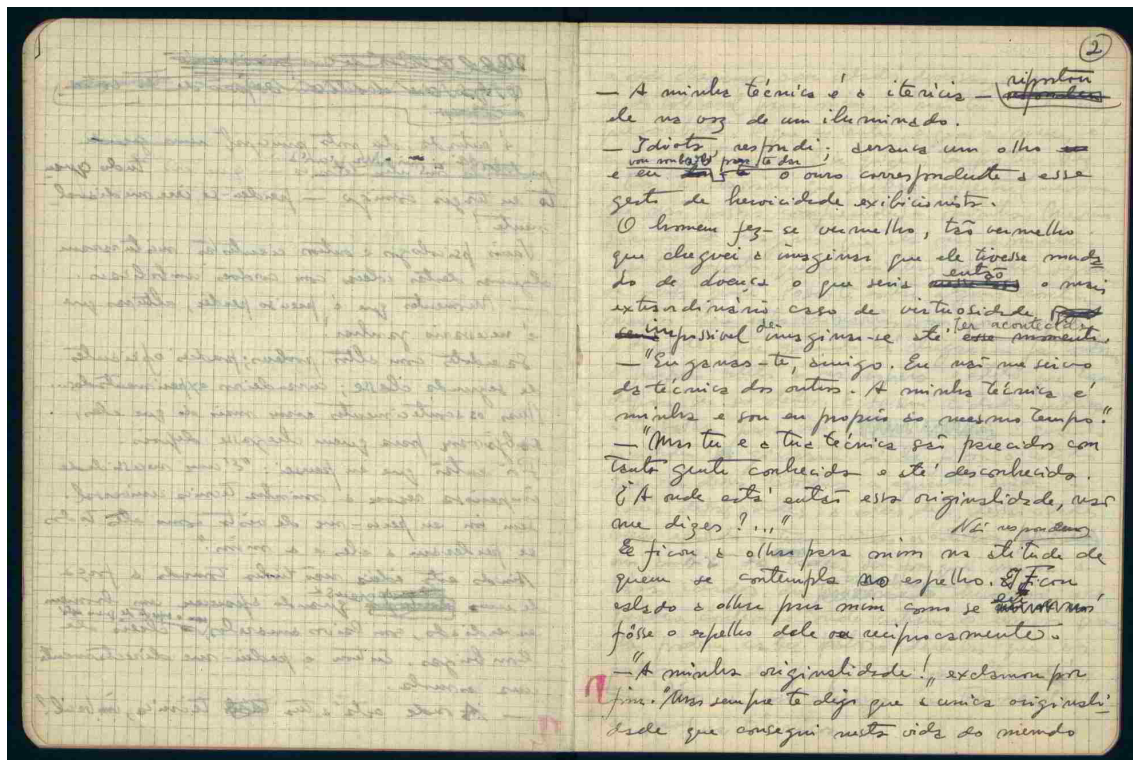


Anexos Manuel de Lima

Anexo 6



Anexo 7



1ª História

O senhor Analfabeto viaja no comboio. No mesmo compartimento um outro sujeito lê um magazine.

O senhor Analfabeto olha pelas vidraças mas, ao que parece, já está cheio da paisagem.

Levanta-se e vai passear para o corredor.

Torna daí a instantes e senta-se novamente. O sujeito que lê o magazine olha-o por cima dos óculos.

O sr. Analfabeto começa a ver a fotografia da capa do magazine que o outro personagem está lendo.

Por fim, este pega num jornal que tem a seu lado e oferece-lho: -Quer ler ?

O senhor Analfabeto agradece, pega no jornal maquinalmente, mas fica pensativo.

O seu companheiro de viagem olha-o com ar interrogativo.

O senhor Analfabeto, que não quer fazer figura triste, desdobra o jornal e fica com ele de pernas para o ar, fingindo ler.

Um indivíduo que passa no corredor da carruagem, ao ver o sr. Analfabeto com o jornal ao contrário, começa a rir, a gargalhar, escandalosamente.

A voz do locutor : Ora, se este senhor que ri a bandeiras despregadas se lembrasse que também se poderia chamar Analfabeto... Senhor imbecil, que ri escandalosamente, seja humano e civilizado : respeite a ignorância alheia e faça por ser útil ao próximo. Você tem um vizinho que também não sabe ler : em vez de desperdiçar tantas horas no café dedique-lhe meia hora. E não ria, senhor imbecil, não ria da ignorância alheia.

O senhor imbecil vai deixando de rir durante a locução até ficar embasbacado e depois, envergonhado.

POEMA

Nas grandes linhas que partem para os horizontes
 onde tu caminhas à tarde agitando os braços
 nas noites nas nossas noites de derradeiro amor
 que o meu cabelo seu chapéu projecta no teu ^{rosto}
 digo da noite que abandona todas as montanhas
 e no desfiladeiro se projecta até ao desespero
 ocultando-se nas vielas escuras da cidade
 onde há sempre uma prostituta e uma ^{vermelha} flor
 onde as pontes cruzam as ruas em movimento
 e a tua imagem acompanha a sombra de
 e nas vitrines o manequim ^{todos os séculos} bem vestido ou
 que as aves adoram ao amanhecer ^{abandonado}
 quando ainda adormecida nos areais
 os teus seios incandescem
 os meus múltiplos abraços
 e nas casas e janelas sempre fechadas
 nos jardins o banco em ruínas
 nas praças
 a água que brota límpida para as aves beberem
 e eu
 o mago extra-mundo
 mago-fascinador e sempre mutilado
 que estuda quiromancia nas noites de desespero
 e chama a tua imagem
 para a fosse em que o acto sexual é a
^{traz} de um cabelo

II

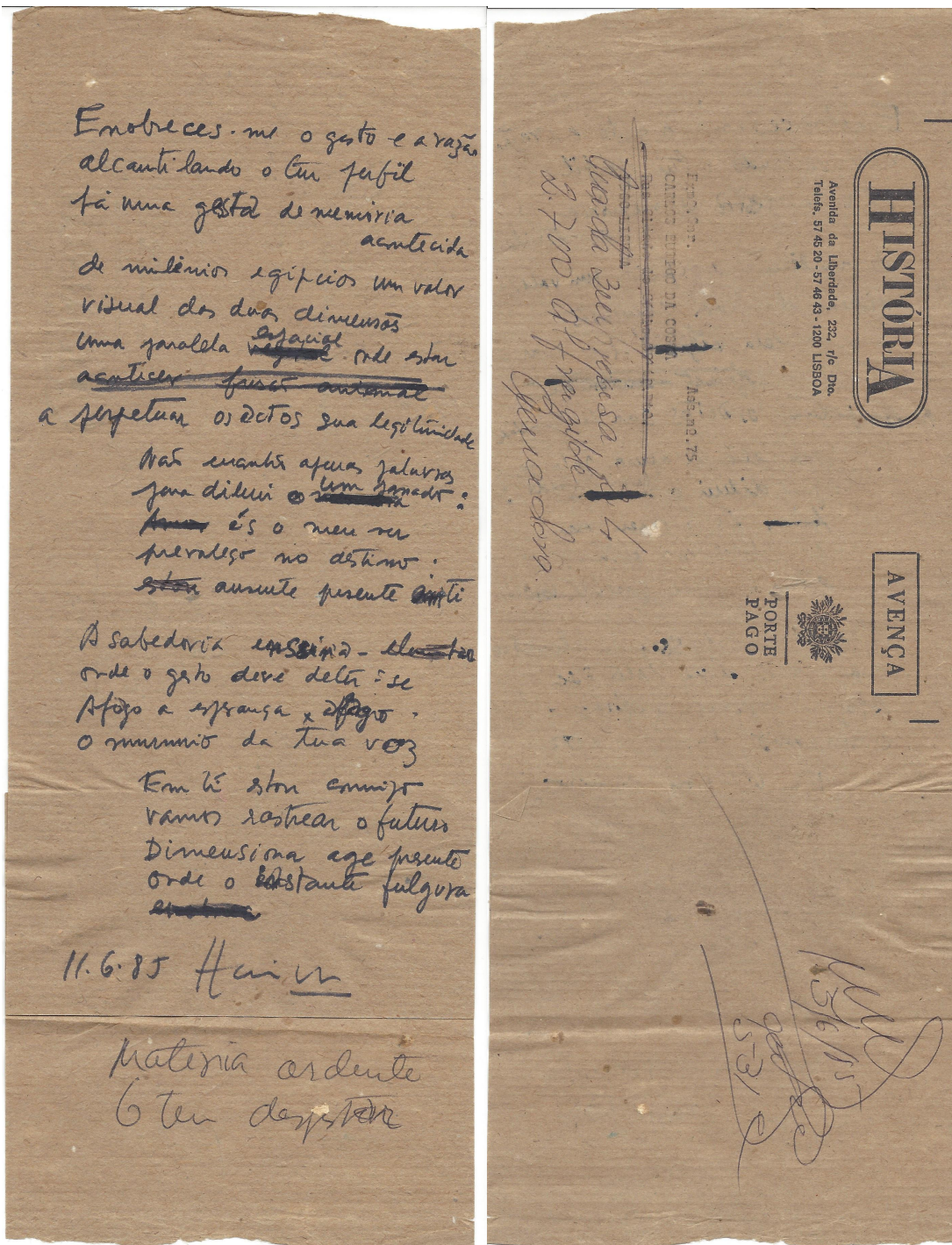
Não a deusa ou o embrião.

4

NAS GRANDES linhas que partem para os horizontes
 onde tu caminhas à tarde agitando os braços
 nas noites nas nossas noites de derradeiro amor
 o meu cabelo em chamas anuncia no teu rosto
 a noite que abandona as montanhas duma certa idade
 e nos desfiladeiros onde se projecta até ao desespero
 é o cantar de uma ave estranha
 no crepúsculo é a prostituída flor vermelha
 oculta nas vielas escuras da cidade
 onde as pontes cruzam as ruas em movimento
 e a tua imagem acompanha a sombra dos veículos
 nas vitrines o manequim bem vestido ou abandonado
 que as aves adoram ao amanhecer
 quando ainda adormecida nos areais
 os teus seios incandescem os meus múltiplos abraços
 nas casas a janela sempre fechada
 nos jardins o banco em ruínas
 e eu
 o mago extra-mundo
 mago fascinador e sempre mutilado
 a estudar quiromancia nas noites de desespero
 e chamar a tua imagem

90

Página 90 de 111 2 de 14570 palavras Português (Portugal) Concentração 167%



Egypte: She is so kind
so beautiful and ~~kind~~

AOS COSTUMES DISSE^{W.}

NADA

É um perfil metódico ^{uma} flor do espaço
~~pequeno~~ em naves estelares fluidas
com a elegância de um extra-terrestre
lêns gestos contidos ~~polhos~~ ^{um} mar interior

Queria alargar o território das tuas mãos
 Em mãos que ~~estavam~~ ^{sem Kazakhstan} sem ventos marinhos
~~com o~~ ^o ~~saber~~ ^e o saber do horizonte
 As tuas mil infâncias; a adolescência solene

Vogaz - Também vogaz - sempre infinita
a aventura de descobrir o teu corpo
é um desafio à minha memória do tempo
~~que te descobri~~ na radiante praia da ju-
adivinho-te ventude

Cerco o teu ombro largo e suaves
esgardas - me presentes ^{com} olhar radioso
a liquida infrascuta de te querer
na maeta que ^{desponta} ~~deixa~~ ^{espero} / no ~~esquecimento~~ ^{esquecimento}

Quando ergues o costo e joelho,

~~da minha mãe~~ ^{é o despertar}
sobre os rios na madrugada
afloresce o céu navega rósea / nos floresta
do meu ser incandesce no teu peito